

## CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE E POLIFONIA: UMA PROPOSTA NO ENTREMEIO TEÓRICO

André Luiz Gaspari Madureira<sup>1</sup>

A presente análise faz parte do trabalho dissertativo elaborado no Mestrado em Letras e Linguística intitulado “Teoria Enunciativa e Condições de Produção: o entremeio teórico no discurso de fábulas millorianas”, desenvolvido na Universidade Federal da Bahia, e insere-se no projeto coletivo “Estudo diacrônico da fábula: da antiguidade clássica à contemporaneidade brasileira”, desenvolvido no âmbito do Núcleo de Estudos da Análise do Discurso – NEAD .

Desse modo, buscou analisar discursivamente uma fábula da obra *Fábulas Fabulosas*, de Millôr Fernandes, tendo como base o arcabouço teórico da Análise do Discurso de linha francesa, além da Teoria Polifônica da Enunciação. Para isso, vislumbrou-se operar na proposta do entremeio teórico. Nesse sentido, foi possível identificar, a partir da relação configurada entre sujeito/discurso/ideologia, movimentos sociais da época de publicação do *corpus* como parte integrante das condições de possibilidade de existência do discurso, evidenciando a ocorrência do contexto sócio-histórico da referida época como parte dos efeitos de sentido, bem como a materialização da ideologia no discurso fabular analisado.

Além disso, atestou-se a presença da polifonia nos textos analisados, ratificando a não unicidade do sujeito mediante a aplicação teórica na fábula. Dessa forma, possibilitou-se evidenciar, mediante o diálogo teórico entre as condições de produção e a polifonia enunciativa, pontos em comum existentes nos discursos fabulares presentes na estrutura da formação social em questão.

A galinha dos ovos de ouro

Era uma vez um homem que tinha uma Galinha. Subitamente, em dia inesperado, a Galinha pôs um ovo de ouro. Ouro! Outro dia, outro ovo. Outro ovo de ouro! O homem mal podia dormir. Esperava todas as manhãs pelo ovo de ouro – clara, gema, gala, tudo de ouro! – que o tirava da miséria aos poucos, e aos poucos o ia guindando ao milionarismo. O fato, que antigamente poderia passar despercebido, na data de hoje atraía verdadeiras multidões. Rádios, jornais, televisão, tudo entrevistava o homem, pedindo-lhe impressões, querendo saber detalhes de como acontecera o espantoso acontecimento. E a Galinha, também, ia dando aqui e ali seus *shows* diante dos jornais, câmaras, microfones. Certa vez até, num esforço de reportagem, conseguiu pôr um ovo diante da câmara da TV Tupi. Porém o tempo passou e muito antes que o homem conseguisse ficar rico, a Galinha deixou de botar ovos de ouro. Desesperado, o homem foi ocultando o fato, até que, certo dia, não se contendo mais abriu a galinha para apanhar os ovos que ela tivesse lá dentro. Para sua decepção não havia mais nenhum.

Então o homem – espírito bem moderno – resolveu explorar o nome que lhe ficara do acontecimento e abriu um enorme restaurante, com o sugestivo nome de Aos Ovos de Ouro. E isso lhe deu muito mais dinheiro do que a Galinha propriamente dita.

---

<sup>1</sup> Professor, membro do Núcleo de Estudos da Análise do Discurso - NEAD/UCSal; [almadureira@ig.com.br](mailto:almadureira@ig.com.br).

MORAL: CRIA GALINHAS E DEITA-TE NO NINHO  
(FERNANDES, [1963] 1999, p. 89 e 90).

A partir do título, “A galinha dos ovos de ouro”, um sentido de prestígio, de poder, de posse da riqueza emana ao levar em consideração o valor dado ao ouro no seio da sociedade brasileira, já que muitos homens tiveram, por aspiração a possuí-lo, suas vidas perdidas na corrida em busca desse sonho precioso. A representação do ouro tornou-se índice de riqueza e de poder para uma nação, principalmente no século XVI. Nessa época, o ouro e a prata eram as respostas para permitir que uma nação tivesse madeira necessária para fazer navios, ou cereais para alimentar os famintos, ou um grande exército para vencer as batalhas (cf. HUBERMAN, 1979, p.130). Como se vê, a importância dada ao ouro está presente muito antes do século XX, mas continua cristalizada na sociedade da referida época. Além disso, metaforicamente este representa a riqueza, o dinheiro, instrumento básico para sobreviver dentro de uma sociedade ideologicamente marcada pelo capitalismo.

À expressão “A galinha dos ovos de ouro” imprime-se um efeito de sentido segundo o qual apresenta uma oportunidade de se suceder bem ao tirar proveito de algo. Tal efeito faz-se possível já que essa é uma expressão de domínio público na sociedade brasileira, e se adequa perfeitamente ao contexto da época em questão, na qual o sistema capitalista se impulsiona cada vez mais. Como reflexo, tem-se o deslocamento intenso da comunidade rural para as grandes cidades, no intuito de se beneficiar com o desenvolvimento de empresas privadas e com a proliferação do sistema industrial. Uma das conseqüências dessa situação é a ocorrência de um contingente de desempregados e, conseqüentemente, o aumento das desigualdades sociais. O ambiente de desigualdades sociais, de insatisfação também é o da luta de classes. Nesse cenário, além de todas essas mudanças com o advento do capitalismo, há uma atmosfera de tentativa de expansão dos domínios democráticos. No entanto, no decorrer da época em questão, com o rebuliço social acentuado cada vez mais, motivado pela situação do Estado, algum tempo depois, apesar da luta democrática, a ditadura militar é outorgada como mera formalização, já que seu reflexo encontra-se visível há décadas. Sobre essa questão de luta pela democracia, Casalecchi (2002, p.9) salienta:

Pode-se dizer que o período entre 1945 e 1964, conhecido como República Liberal, República Populista ou Quarta República, inicia-se com ampla mobilização de forças democráticas e liberais contra a ordem autoritária do Estado Novo, e encerra-se com o Golpe Militar que procurou impedir a crescente mobilização popular que pretendia ampliar os limites de uma democracia ainda restrita.

Este é o espaço, como já explicitou Althusser em seu ensaio sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado, em que o Estado encontra sentido existencial, é nesta “arena social”, dada a porfia de classes antagônicas.

Com efeito, o Estado e seus Aparelhos só têm sentido do ponto de vista da luta de classes, enquanto aparelho da luta de classes mantenedor da opressão de classe e das condições de exploração e sua reprodução. Não há a luta de classes sem classes antagônicas. Quem diz luta de classe da classe dominante diz resistência, revolta e luta de classe da classe dominada. (ALTHUSSER, 2003, p. 106).

A questão de posse da riqueza é extraída ao analisar o sujeito Galinha em sua posição arraigadora, limitada, ao se colocar a oposição já descrita por Leonardo Boff em seu livro *A águia e a galinha: Galinha X Águia*. Assim, a águia torna-se responsável pelos sonhos, pelos planos de vida, por “voar”, ir além do horizonte, transcender, enquanto a galinha permanece firme, com os pés no chão, limitada a um espaço circunscrito (quintal), impedida de transcender pela sua condição, pela sua essência, por sua própria natureza. Essa limitação implica, muitas vezes, em segregação, em tornar-se “ser-possuído”, motivado pela aparente impossibilidade natural de ter autonomia. Esse crescimento exacerbado faz parte dos planos de desenvolvimento econômico brasileiro e recebe o apoio do Estado.

Logo após o título, o Locutor L aparece como “contador de histórias” ao iniciar a fábula através da expressão “Era uma vez”, voz genérica introduzida por uma memória discursiva. A responsabilidade do enunciado está voltada para L que mobiliza o Enunciador E<sub>0</sub>, de cuja perspectiva comunga. O E<sub>0</sub> apresenta o ponto de vista genérico. Isso pode ser observado a partir do trecho “Era uma vez”, o qual remete à voz social característica das narrativas de histórias de domínio público. É nesse tipo de narrativa que se situam as produções fabulárias, presentes em várias sociedades desde os tempos mais remotos.

O trecho subsequente “um homem que tinha uma galinha” completa o primeiro período do texto, evidenciando a relação “ser-possuído” X “ser-possuidor” dadas as condições existenciais da galinha. Tais condições, tomando por base a desfigurativização da galinha, remetem ao esboço teórico do dismantelamento ideológico originado dos modos de manipulação de massa apresentado por Marilena Chauí. Estes são atingidos a partir do desenvolvimento de procedimentos ideológicos cuja operação se dá, nesse caso, por meio do silêncio – através do qual se silenciam os motivos pelos quais se faz necessária a segregação de determinada classe, de determinado grupo social.

Um imaginário social se parece com uma frase onde nem tudo é dito, nem pode ser dito, porque, se tudo fosse dito, a frase perderia a coerência, tornar-se-ia incoerente e contraditória e ninguém acreditaria nela. A coerência e a unidade do imaginário social ou ideologia vêm, portanto, do que é silenciado. (CHAUI, 1997, p. 175).

E, principalmente, pela produção do imaginário social – a qual busca ditar como se deve portar perante a sociedade.

Representações, normas e valores formam um tecido de imagens que explicam toda a realidade e prescrevem para toda a sociedade o que ela deve e como deve pensar, falar, sentir e agir. A ideologia assegura, a todos, modos de entender a realidade e de se comportar nela ou diante dela, eliminando dúvidas, ansiedades, angústias, admirações, ocultando as contradições da vida social, bem como as contradições entre esta e as idéias que supostamente as explicam e controlam. (CHAUI, 1997, p. 175).

Tem-se, então, o sujeito Galinha marcado ideologicamente ao apresentar-se como modelo social – o de “ser-possuído” –, ocupando, dessa forma, uma função pré-determinada, além de, ao mesmo tempo, dever portar-se como tal, seguir as “regras” prescritas, evidenciando, portanto, a operação dos mecanismos de alienação social e salientando a prática capitalista cujo objetivo se fundamenta na necessidade de obtenção de lucro.

O termo “subitamente” aparece para indicar surpresa, e vem intensificado pela expressão “em dia inesperado”. Toda essa surpresa é entendida pelo fato de a galinha ter posto um ovo. Mas por si só um ovo não causaria tanto *frenesi*, afinal de contas, galinha “serve” para pôr ovos. No entanto, não se tratava de um simples ovo, e sim, de um ovo de ouro – o objeto-valor –, que representa a ascensão social e financeira, a aquisição de prestígio, que é responsável pela passagem de classe social, apresentando um paralelo no texto entre a “miséria” e o “milionarismo”, o que evidencia um processo de junção e disjunção, o qual se segue no decorrer do texto:

O sujeito apresenta-se ora como sujeito virtual (antes de a galinha botar ovos de ouro, não mantém relação conjunta com o objeto), ora como sujeito realizado (quando “sua” galinha põe ovos de ouro, o sujeito passa a estar em conjunção com o objeto), ora como sujeito atualizado (quando a galinha deixa de botar ovos de ouro e é morta, o sujeito se relaciona por disjunção com o objeto). (BARROS, 2001, p.31).

Nos trechos “Ouro!”, “ovo de ouro!”, “tudo de ouro!”, o sentimento colore-se nos próprios enunciados mediante a marca de exclamação. Ao tomar a questão do sentimento, é enquanto  $\lambda$  que este pode ser experimentado. No momento em que se analisa o sentimento como exterior da enunciação, tem-se o  $\lambda$ . Tal sentimento é marcado principalmente nos enunciados declarativos. Já, quando o tem expresso pela exclamação, caracteriza-se como situado na própria enunciação, sendo assim remetido a L. Dessa forma, configura-se o Locutor L, responsável pela enunciação.

Ao se considerar que o fato “antigamente poderia passar despercebido, na data de hoje atraía verdadeiras multidões”, remete-se à posição ascendente do capitalismo, principalmente em meados do século XX, e a importância implantada na sociedade de se ter bens materiais para ser respeitado como um verdadeiro modelo de sucesso, firmando, assim, o ideal de “ser” definido pelo “ter”.

Logo depois se percebe a importante influência dos *media* – representados pelos meios de comunicação de massa – no cenário do capitalismo. A esta, por sua vez, cabe o papel de ditar o que se deve valorizar, apresentar parâmetros de sucesso ideologicamente definidos, excluindo, por consequência, outros modelos que não são de seu interesse. O assujeitamento ideológico passa a ser, principalmente na referida época social, mais facilmente disseminado por consequência do crescimento dos meios de comunicação de massa. São estes que comunicam, como a própria expressão adianta, para uma massa. Com o poder da comunicação, torna-se possível criar realidades, sustentar uma determinada imagem e, a partir desta, gerar lucro e prestígio. Não é à toa que se diz que quem detém a comunicação é detentor do poder. Quanto ao aspecto da importância da comunicação e do papel dos *media* nesse contexto é atestada por Guareschi (1991, p. 15 – 16):

Numa sociedade assim, onde o mínimo de pessoas pode falar e se fazer conhecido, a voz que desponta e a imagem que aparece é a de alguém que passa a existir, que emerge do profundo anonimato e da massificação generalizada, onde vive a maioria do povo brasileiro. Ter seu retrato na televisão, poder dizer a palavra pelo rádio, passa a ser privilégio de poucos, que passam, por isso mesmo, a ser os bons, os confiáveis, os que existem.

O sujeito Galinha é posicionado na narrativa em um determinado contexto situacional e histórico, passando, assim, a adquirir uma caracterização diferente da que possuía. Esta conquista, desta forma, traduz um maior relevo aos olhos da sociedade, já que tivera exercido a proeza de mostrar seu “talento” diante das câmeras da primeira emissora instalada no Brasil. A TV Tupi entrou no ar em 1950. Portanto, na década de 60 ainda era uma novidade. O aparelho de televisão passava a ser, desde então, o sonho de consumo de vários brasileiros. Assim, qualquer ser que tivesse o privilégio de aparecer nas redes televisivas, surgindo nas casas das pessoas de várias localidades, passava a ser merecedor do prestígio social e, conseqüentemente, financeiro. A heterogeneidade discursiva dá-se até na questão da influência da galinha em relação à transmissão intermunicipal de programas, como esclarece Marly Rodrigues em seu livro intitulado *A década de 50*.

A transmissão direta de uma cidade para a outra foi possível graças à inventividade de um técnico da Tupi, que improvisou uma antena utilizando telas de arame de galinheiro! Tratava-se do jogo Brasil e Itália, realizado no Maracanã, no Rio de Janeiro, e assistido pelos paulistas, em 1956. (RODRIGUES, 1994, p. 38).

Ao ser descrito o “esforço de reportagem”, percebe-se que na verdade este é exercido pelo dono da galinha (ser-possuidor) que por ela propriamente (ser-possuído), afinal de contas é justamente este que receberá as “glórias” daquele. A partir daí pode-se observar a inversão de valores, na qual outros recebem os méritos que deveriam ser destinados a quem realmente é merecedor. Portanto, após a desfigurativização, surge a arquitetura da ideologia capitalista calcada nas entrelinhas, marcada pela evidência da concentração de rendas; da desigualdade na distribuição do capital.

Em seguida, “a Galinha deixou de botar ovos de ouro. Desesperado, o homem foi ocultando o fato, até que, certo dia, não se contendo mais abriu a galinha para apanhar os ovos que ela tivesse lá dentro. Para sua decepção não havia mais nenhum”. Nesse momento, é possível visualizar, a partir desse enunciado de cuja responsabilidade é de L, a idéia de disjunção entre homem e objeto-valor (os ovos de ouro), a qual Diana Luz Pessoa de Barros desenvolve em seu livro intitulado *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. A sua análise é feita a partir da apresentação de elementos constitutivos do aludido *corpus*, ratificando a presença de marcas disjuntivas e conjuntivas, como se pode observar a seguir:

Os enunciados de fazer operam a passagem de um estado a outro, ou seja, de um estado conjuntivo a um estado disjuntivo e vice-versa. O objeto de transformação é, portanto, um enunciado de estado. Na fábula, ao matar a Galinha (enunciado de fazer) o sujeito do fazer “homem” muda seu estado de conjunção com o objeto “galinha e ovos de ouro” em estado de disjunção. (BARROS, 2001, p. 30)

A Galinha era tida como uma mão-de-obra destinada aos meios de produção de uma empresa privada e servia única e exclusivamente como instrumento de acumulação de riquezas. Agora, pode-se visualizar mais claramente após a desfigurativização os preceitos que regem a ideologia capitalista. Dessa forma, tem-se o homem representando o setor privado, proprietário dos meios de produção, aficionado em sua busca por lucros cada vez maiores, bem como as indústrias, que no período em questão vêm se proliferando e a galinha como a mão-de-obra

explorada, a classe operária, útil somente até o momento em que está produzindo, em que está dando retorno capital às empresas.

O que se evidencia, nesse sentido, é o aspecto de exploração dos meios de trabalho. Assim, tomando o contexto fabular como uma representação da sociedade, é possível estabelecer uma analogia entre o homem, “ser-possuidor” e que explora a galinha “ser-possuído” e chegar, a partir daí, à prática capitalista de exploração de trabalho. A preocupação que se tem é a de tão somente gerar capital. É por esse viés que se estabelece o comportamento do homem diante da galinha. Isso se dá já que, ao não produzir mais ovos de ouro, a galinha é abatida pelo homem, o qual tem o intuito único de “apanhar os ovos que ela tivesse lá dentro”.

Ao final, o “homem” ainda se apropria de algo deixado pela galinha mais importante do que os ovos de ouro: a fama, que representa sua marca – a qual passa a ser sinônimo de sucesso e riqueza –, para, através de uma característica empreendedora, voltar ao “mercado” e, sob a égide do *marketing*, conseguir muito mais dinheiro, ter muito mais lucro do que na época em que a galinha ainda punha ovo de ouro, deixando este de ser objeto-valor.

A moral que finaliza o texto “Cria galinhas e deita-te no ninho”, de responsabilidade de L, que retoma a estrutura da fábula clássica ao introduzir o *epimitio*, é uma estilização da expressão genérica “Cria fama e deita-te na cama”. Nesse contexto, L se apresenta a partir da perspectiva da voz genérica, mobilizando, assim, o  $E_0$ . Ao levar em consideração o advento da modernidade, a expansão dos meios de comunicação de massa e, principalmente, o efeito da ideologia facilmente propagada em meio à sociedade, pode-se entender o valor que se dá, durante a época de publicação do *corpus*, a estar em evidência, a constituir uma posição de destaque intermediada pelos valores implantados em um determinado plano social. A partir daí não é mais necessário imprimir nenhum tipo de esforço, já que o objetivo principal (estar em evidência) apresenta-se atingido. Basta, apenas, após a sustentação inicial da fama, usufruir dos privilégios adquiridos, anulando qualquer tipo de preocupação (deita-te no ninho) em relação à necessidade de sustentar a posição adquirida, pois esta sempre se fará presente em sua vida. Tal circunstância se dá por conta do poder dos *media*, já que a imagem da galinha se fez circular pela sociedade, e pela forma com a qual o homem se vale dessa “vantagem” para novamente tirar proveito da situação.

Na moral também pode se verificar a intertextualidade, vez que resgata um texto anterior na forma de expressão genérica, além da interdiscursividade presente, ocorrida por estar “re-significando” um discurso que antecede o da moral. O discurso genérico, nesse caso, ao significar no plano a atualização presente na fábula, passa a ser constitutivo do desenvolvido na narrativa, o qual também remete à materialidade discursiva anterior, marcando, pois, a intertextualidade que passa a significar em um outro plano textual junto à característica interdiscursiva.

A ironia ocorre a partir do momento em que a expectativa da leitura é quebrada. Ao matar a galinha, tem-se a impressão de que o homem, por consequência de seu ato, perderá sua “fonte de renda” e, com isso, a possibilidade de se situar em um local acima do que estivera. Como na fábula clássica há uma lição voltada à formação moral da sociedade, que denuncia as más ações e aponta, muitas vezes por meio da exortação, suas consequências negativas, um final oposto ao da represália, na perspectiva genérica da sociedade, apresenta-se como improvável ou, mais que isso, absurdo. A própria fábula apresenta-se como uma paródia da fábula “A galinha dos ovos de ouro”, que é atribuída a Esopo, a qual se apresenta da seguinte forma:

Um zeloso adorador de Hermes fora agraciado por este com uma galinha que punha ovos de ouro. O homem porém não se contentava com este ganho, que achava modesto. Crendo que ela tinha nas entranhas um monte de ouro, não hesitou em matá-la. E viu então que era igual às outras galinhas. Assim, pela ganância ficou privado até dos ovos, nos quais encontrava um pequeno ganho.

*Moral: Assim os gananciosos, que querem sempre mais, chegam a perder até o que possuem.* (ESOPO, 2006, p.143 – 144)

O que se observa, portanto, é mais uma vez a intertextualidade e a interdiscursividade constitutiva da fábula de Millôr Fernandes. Pode-se ver na fábula atribuída a Esopo que a moral indica, por meio da exortação, da advertência, o comportamento que deve ser adotado na sociedade, questionando a validade do sentimento de ganância.

A esse direcionamento do pensamento social assimila-se ao sujeito assujeitado, interpelado em sujeito, a partir do qual este se identifica à formação discursiva que o domina, sem que o sujeito tenha noção disso, formação esta a qual se configura como produto de uma formação ideológica. Diante disso, Pêcheux (1995, p.163) salienta:

Já observamos que o sujeito se constitui pelo “esquecimento” daquilo que o determina. Podemos agora precisar que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apóia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (...) que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito.

A formação ideológica dominante, nesse sentido, constitui a ideologia capitalista segundo a qual determina o lugar social na relação de classes, interpelando os indivíduos em sujeito mediante os Aparelhos Ideológicos de Estado principalmente familiar e escolar, bem como religioso, os quais desenvolvem as relações entre comportamento e sociedade, bem como das concepções de “bem” e de “mal”. Dessa forma, a formação ideológica põe em cena formações discursivas que, a partir do processo de interpelação, determinam o que se pode e se deve dizer, e que influenciam no interior das relações de trabalho, refletindo, portanto, na produção econômica.

No entanto, a fábula de Millôr Fernandes passa a “desconstruir” essa ideologia por desenvolver uma narrativa que vai de encontro ao postulado vigente e, em detrimento desses princípios, apresenta um mundo a partir do qual se evidencia a derrocada de valores até então sustentados socialmente. É assim que a fábula entra em confronto com preceitos sustentados pela ideologia dominante e que, mediante a ironia, sugere uma reflexão acerca do comportamento na sociedade e de seus valores, reflexão esta oportuna para o momento em evidência. Isso porque em meio ao século XX, evidencia-se um período de movimentação político-ideológica e social, o país passa por intensas mudanças. Assim, acentuam-se os conflitos próprios de um processo de modernização e emergem vários movimentos propulsionados por diferentes formações ideológicas e que instauram nesse cenário uma atmosfera de luta ideológica, “traduzida” na forma de embate social.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 9. ed. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro: Introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Org). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 1995.

CASALECCHI, José Ênio. *O Brasil de 1945 ao golpe militar*. São Paulo: Contexto, 2002.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1997.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Tradução: Ingedore G. V. Koch et al. Campinas: Pontes / EDUNICAMP, 1987.

ESOPO. *Fábulas*. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2006.

FERNANDES, Millôr. *Fábulas fabulosas*. 15. ed. Rio de Janeiro: Nordica, [1963] 1999.

GUARESCHI, Pedrinho A. (Coord.). *Comunicação & controle social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem*. Trad. Waltensir Dutra. 15. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. Uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

RODRIGUES, Marly. *A década de 50: populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil*. 2.ed. São Paulo:Ática, 1994.